

A SUPERSTIÇÃO DE ATLETAS ESCOLARES EM MINAS GERAIS: um olhar a luz da Psicologia do Esporte

Douglas ELEOTÉRIO¹; Rafael C. KOCIAN²

RESUMO

Trata-se de projeto de pesquisa aprovado em processo seletivo de Bolsa de Iniciação Científica no campus Muzambinho. A temática do estudo é a superstição na prática esportiva. O objetivo do trabalho é verificar se atletas escolares possuem algum tipo de superstição e se acreditam que esta interfere no resultado. O trabalho justifica-se no fato de que a superstição é algo marcante na sociedade e que merece atenção da comunidade científica, uma vez que pouco se estudou sobre o tema. Trabalharemos com uma pesquisa qualitativa coletando dados através de questionários (abertos, fechados e mistos) e entrevistas (estruturadas/semi-estruturadas) com atletas em idade escolar.

INTRODUÇÃO

Caso os trabalhos acadêmicos seguissem a lógica da superstição, antes da redação deste texto poderíamos bater três vezes na madeira, ou então carregariamos algum objeto para “dar sorte”, tal como um amuleto ou a imagem de um santo. No entanto, sabemos que a lógica acadêmica, por todo seu rigor científico, não busca seus resultados a partir da sorte ou do azar, mas sim na estruturação de protocolos de pesquisa que visam contemplar a mais variada gama de variáveis para alcançarmos um resultado confiável.

Porém, é interessante notar que a situação imaginária inicial, de bater três vezes na madeira, ilustra e reflete muito bem o que acontece em diversas situações do cotidiano, dentro e fora do esporte.

A escolha da cor da roupa, o trajeto a ser feito, passar ou não passar embaixo de escadas, ter cuidado para não quebrar um espelho, etc., tudo isso são crenças que fazem parte do senso comum e que certamente invadem as práticas cotidianas de boa parte da população, sendo que muitas vezes são transmitidas de geração para geração sem haver um questionamento racional sobre as ações desempenhadas.

Diante disso, vale realizar uma reflexão e um questionamento: será que essas crenças e práticas supersticiosas ocorrem no esporte?

Considerando que o esporte possa ser uma representação da vida cotidiana é plausível que sim e que, portanto, as crenças e a superstição invadem os

1 ¹ Discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG, email: doug_elt@hotmail.com

2 Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Movimento (GEPPEM) e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG, email: rafaekocian@gmail.com

espaços de práticas esportivas, tais como as quadras, campos, piscinas, pistas, tatames, etc.

Quando consideramos que os treinamentos para as práticas competitivas esportivas devem ser embasados pelos conhecimentos científicos que irão nortear os trabalhos físicos, técnicos, táticos e psicológicos, como se comportaria um atleta ou um treinador que atribui o sucesso ou o fracasso da execução da tarefa a algo relativo a sorte ou ao azar? Certamente essa circunstância geraria um importante conflito em toda programação e planejamento do trabalho a ser desenvolvido.

O objetivo do presente trabalho é verificar se os atletas escolares do estado de Minas Gerais, participantes de competições esportivas coletivas ou individuais, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida.

O trabalho justifica-se na premissa de que a superstição por parte dos participantes do esporte é algo marcante na atual sociedade e que merece uma atenção maior da comunidade científica, uma vez que pouco se estudou sobre o fato e, de certa forma, é necessária produção de conceitos que ajude aos envolvidos diretamente com o esporte, atletas, treinadores, etc., a ter uma proposta de trabalho em psicologia do esporte, pensando no desenvolvimento desse tema atrelado ao rendimento esportivo.

A partir dos resultados coletados e analisados poderemos direcionar encaminhamentos profissionais de intervenção em Psicologia do Esporte e da Educação Física tendo em vista a busca pela formação integral dos atletas escolares.

Os encaminhamentos do presente trabalho passam obrigatoriamente por uma discussão da classificação dos jogos esportivos, para isso podemos utilizar a ideia de Caillois (1986), que diz que os jogos se dividem em quatro categorias diferentes: *Agon*, que são jogos coletivos ou individuais de competição e disputa de habilidades físicas e intelectuais; *Ilinx*, jogos que causam ou despertam vertigem e alterações em estados emocionais dos seus praticantes; *Mimicry*, jogos de interpretação cênica despertando o simulacro ou o gosto por uma personalidade alheia, e *Alea*, que são jogos aleatórios de sorte ou azar, onde há renúncia da vontade e participação direta em benefício de uma espera ansiosa e passiva do destino.

Obviamente que algumas práticas esportivas acabam mesclando diferentes categorias, mas é inegável que os esportes coletivos e individuais estão classificados na primeira categoria trazida por Caillois (1986), ou seja, jogos do tipo *Agon*, justamente por promoverem oposição entre os competidores em uma disputa por quem faz mais pontos, gols ou cumpre um percurso em um tempo mais rápido.

Vamos focar nossa pesquisa nos jogos *Agon* e *Alea*, justamente para fazer a reflexão sobre a superstição. Os jogos *Agon* são de disputas de habilidades, ou seja, jogos que não dependem de sorte, e portanto são competições que dependem do desempenho dos atletas e o resultado ficará a cargo do treinamento físico, técnico, tático e psicológico específicos.

Podemos ilustrar como um prático exemplo desta situação, um jogo de futebol onde um jogador vai executar a cobrança de um pênalti. O sucesso ou fracasso da cobrança estão diretamente ligados as habilidades do cobrador da penalidade e do defensor, no caso o goleiro. O método da cobrança, envolvendo força, direção, altura com que a bola será projetada ao gol,

combinados com o método escolhido pelo goleiro para executar a defesa (saltar a direita, esquerda, ficar ao centro, observar o pé de apoio do cobrador, etc.) serão os determinantes para que uma torcida ou outra comemorem o resultado da cobrança.

Curiosamente ouvimos muita gente dizer a disputa de pênaltis no futebol acaba sendo uma loteria, ou seja, é sorte ou azar. Se o atleta errar é azar dele e sorte da outra equipe. Se o atleta converte é sorte dele e azar da outra equipe. Essa característica de sorte ou azar nos remete a outro tipo de jogo caracterizado por Caillouis (1986), jogo *Alea*.

Os jogos *Alea* são jogos aleatórios que fogem do controle dos participantes, por exemplo, antes do jogo é realizado um sorteio entre as equipes para decidir de quem será a posse de bola, neste caso é jogada uma moeda para cima e as equipes podem escolher entre cara ou coroa, isso é um jogo de sorte ou azar.

Os jogos promovidos pela loteria federal, como Megasena, Lotofácil, etc. são jogos característicos de sorte ou azar. Apesar de alguns campeonatos utilizarem o sorteio como último critério de desempate para os clubes que terminam com a mesma quantidade de pontos, essa prática dificilmente ocorre, pois vários outros critérios anteriores são adotados, tais como quantidade de gols/pontos feitos ou sofridos, cartões amarelos ou punições, etc. Dessa forma, podemos perceber que na perspectiva esportiva que temos dificilmente o jogo deixa de atender as características de *Agon*.

No entanto, devemos considerar que a superstição não só faz parte da cultura brasileira, mas também da cultura esportiva, fazendo com que muitos acreditem que somente a devoção e o apego à certas crenças resolvam o problema de uma modalidade. Até onde o atleta escolar, acredita que o jogo é apenas uma questão de sorte ou azar? Até onde ele acredita que sua credence ou superstição são determinantes para o resultado final da partida?

A superstição e o esporte

Diversas histórias são contadas diariamente pelos noticiários de jornais, revistas, rádio e televisão, mostrando que muitos atletas, treinadores, torcedores e outros participantes dos eventos esportivos têm algum tipo de superstição e acreditam que isso pode auxiliar com que a equipe ou o atleta que esteja em questão tenha um resultado mais favorável.

Para Toledo (2002), a superstição é uma crença em algo que não se adequa a uma lógica formal, racional ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares ou criações simbólicas individuais estabelecidas e relacionadas com um acontecimento de sucesso ou fracasso, como por exemplo, o fato de um esportista utilizar sempre a mesma cor de uma peça de roupa, ou então realizar sempre a mesma oração antes da partida. Um bom exemplo prático é do ex-jogador e técnico de futebol, Mário Jorge Lobo Zagallo, o maior campeão de futebol em Copas do Mundo, que sempre atrela o sucesso do seu trabalho ao número 13 e sempre tenta utilizar esse número nos jogos em que participa, seja na camiseta, seja contando o número de letras dos nomes das equipes envolvidas, seja na data da partida, número de entradas do estádio, etc.

Assim como Zagallo, diversos outros atletas e treinadores possuem superstições e crenças em forças sobrenaturais, alimentando esperanças de que essas forças auxiliam no desenvolvimento do trabalho esportivo. Conforme

a crença das pessoas a superstição pode ser mais forte ou mais branda, o fato é que de certa maneira para alguns atores do esporte isso pode ser tão marcante e importante, quanto os treinos físicos, técnicos, táticos ou psicológicos.

Outros exemplos de atletas profissionais são citados por Goldsmith (2012), tais como o do campeão de natação Michael Phelps que repete seu ritual antes da prova, ouvindo música, retirando os fones após a chamada, girando os braços três vezes e subindo o bloco sempre com o pé direito. A tenista Serena Williams bate cinco vezes a bola ao chão antes de projetá-la ao saque, não são quatro nem seis, exatamente cinco para dar sorte. A autora ainda cita que dois estudos alemães demonstraram a superstição em não atletas.

No primeiro estudos, pessoas aleatoriamente eram chamadas para tacar uma bola de golfe. Metade dos participantes recebia o que era chamada de bola da sorte, a outra metade uma bola comum. Os resultados de sucesso foram predominantes nos que utilizaram as bolas da sorte. No segundo estudo, os participantes deviam levar um amuleto da sorte para o dia do experimento. Durante o jogo, os amuletos foram confiscados de metade dos participantes de forma aleatória. O rendimento dos que tiveram seus amuletos retirados caiu bruscamente.

Segundo Daolio (1998), muitos treinadores brasileiros são contraditórios, pois atribuem mais sucesso a superstição do que ao trabalho por ele desenvolvido, tecnicamente, fisicamente e taticamente.

Para Kocian (2009), dentro do ambiente de concentração esportiva encontramos muitas vezes um momento exclusivo para o desenvolvimento das crenças e rituais que visam trazer bons fluídos durante a partida. Curiosamente esse momento que deveria ser de reflexão a respeito da partida que esta por vir, acaba sendo um espaço de cerceamento da liberdade dos atletas e de práticas supersticiosas individuais e em grupo.

Daolio (2005) traz que para compreender esse fenômeno devemos estar centrados nas ciências humanas, especialmente na antropologia social, pois estudar o futebol e todas as crenças a ele relacionadas é estudar o povo brasileiro, uma vez que as histórias de ambos se confundem e se entrelaçam. Para o autor, as expressões supersticiosas e religiosas estão compreendidas da mesma maneira, uma vez que muitas vezes buscam o mesmo sentido, trazer sorte, proteção, bons fluídos, etc.

Em uma pesquisa realizada em 1993, Jocimar Daolio constatou que muitos atletas negavam categoricamente que eram supersticiosos, porém, no decorrer das entrevistas realizadas e da observação do trabalho, notou que muitas práticas supersticiosas cercavam desde o treinamento até os grandes jogos que esses atletas participavam.

Dessa maneira o presente estudo torna-se necessário para compreender a superstição focada nos atletas escolares de Minas Gerais, aqueles que em tese compõem a base esportiva nacional e que muitas vezes não conseguem ter a mesma metodologia de treinamentos como atletas profissionais, mas que buscam resultados expressivos, guardadas as proporções, assim como os atletas profissionais, ou seja, enquanto um profissional busca ser campeão nacional da modalidade e não mede esforços para isso, muitos escolares não medem esforços para ganhar o campeonato municipal inter-escolas.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento da presente projeto trabalharemos com uma pesquisa qualitativa balizada pelas Ciências Humanas coletando dados através de questionários (abertos, fechados e mistos) e entrevistas (estruturadas/semi-estruturadas) com atletas em idade escolar participantes dos Jogos Escolares de Minas Gerais, quer sejam da rede estadual ou da rede federal de educação.

O projeto será cadastrado na Plataforma Brasil e será submetido ao parecer e aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa. Além disso a pesquisa garantirá total anonimato aos participantes que só participarão após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que declarará os objetivos da pesquisa e os possíveis riscos, que no caso inexistem.

Com relação as questões fechadas (ofereceremos opções de respostas para o participante assinalar), iremos situar relações estatísticas entre os fatores analisados. Para as questões abertas (perguntas que o participante poderá relatar livremente o que quiser), trabalharemos com análise do discurso, categorizando as falas e com isso buscaremos compreender as particularidades específicas dos sujeitos em relação às questões.

Optamos pela utilização de questionário baseado na idéia de Rampazzo (1998), que afirma que o questionário é um instrumento para coleta de dados que possui uma determinada ordenação de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, devendo garantir o anonimato dos sujeitos e sem a presença do entrevistador. O autor citado destaca, ainda, importantes vantagens trazidas pelo questionário, tais como liberdade para as respostas em razão do anonimato e a não presença do pesquisador, há tempo hábil para responder e em horários favoráveis de acordo com a preferência do sujeito, obtenção de respostas precisas e podendo atingir, simultaneamente, um bom número de pessoas.

Segundo Rudio (1986), os questionários abertos, também chamados de livres, permitem ao informante responder livremente o tema, podendo utilizar da linguagem que achar mais adequada, emitindo suas opiniões e idéias. Essa categoria permite uma investigação mais profunda e precisa, porém, obriga ao pesquisador uma análise mais detalhada e complexa.

CONCLUSÃO

O presente trabalho é um projeto de pesquisa apresentado ao NIPE (Núcleo Institucional de Pesquisa e Extensão) do Campus Muzambinho como requisito na solicitação de Bolsa de Iniciação Científica (BIC). A aprovação se deu no final do mês de agosto de 2013. A apresentação deste projeto na 5ª Jornada Científica buscou discutir os elementos da pesquisa com pesquisadores da área afim de aprimorar objetivos, materiais e métodos. Sendo assim, esperamos a partir dos dados coletados, desenvolver nossa pesquisa conforme cronograma a saber: Levantamento bibliográfico (setembro a novembro de 2013); Organização do instrumento de coleta de dados (Novembro de 2013); Coleta de dados (dezembro 2013 a março 2014); Análise dos dados (Março a Junho 2014); Submissão do trabalho (junho e julho 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAILLOIS, Roger. **Los juegos y los hombres, la máscara y el vértigo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

CAPITANIO, A. M. **Educação através da prática esportiva: missão impossível?** Dissertação de Mestrado - USP, São Paulo, 2005.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. (org.) **Futebol, cultura e sociedade**. 1º edição. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. As contradições do futebol brasileiro. **Lectures Educación Física y Deportes, 3 (10) 1998**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/daolio1.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2013.

GOLDSMITH, B. Superstições ajudam ou atrapalham os atletas? **Jornal Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 julho 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,supersticoes-ajudam-ou-atrapalham-os-atletas,906745,0.htm>> Acesso em 10 de maio de 2013.

KOCIAN, R. C. **Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.

ORLICK, T. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. Lorena: Editora Stiliano, 1998.

RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. 1º edição. São Paulo: Editora